

Domingo, 30 de Maio de 1950

Conto d'O IMPARCIAL

A HISTÓRIA DE OITO PÃES

R. V. Slady.

Caminhavam certa vez por um triste e ardente deserto, dois homens. O primeiro chamava-se Adjallah e era sapateiro em Smirna; o outro Abdulid e exercia a modesta profissão de barbeiro em Bagdah – modesta sim, porque (naquelle tempo) os barbeiros não recebiam gorjetas e não vendiam; loções.

No meio do caminho, estes dois viajantes encontraram, cahido na areia, um pobre homem que estava quase a morrer de fome e sede, com as vestes rasgadas e pés feridos. Socorreram immediatamente o infeliz, dando-lhe algumas gotas de vinho e uma certa porção de agua: quando se viu reconfortado e salvo, o desconhecido, contou sua história.

Era elle uma negociante riquíssimo de Bagdah; achava-se em viagem de negócios e dirigiu-se, com uma grande partida de tapeittes para Smirna, acompanhado de cinco creados e muitos escravos, quando sua caravana foi atacada por um bando de salteadores – indigenas, destroçada e completamente saqueada. Os creados e escravos que não morreram, haviam fugido. E elle, o rico e poderoso senhor viu-se abandonado e prisioneiro no meio dos bandidos, que o levaram logo para um grande acampamento, com o fim de libertal-o mais tarde, a troco de elevado preço.

-“Mas um dia – continuou o rico negociante – por ocasião de um grande furacão, conseguiu fugir, e vim pelo deserto em busca de uma terra civilizada. Já me sentia, nessa perigosa jornada cheio de desanimo e cansado, quando os bons amigos me salvaram.

E, depois de agradecer muito o auxílio que lhe tinham prestado o negociante perguntou:

-Levam ahi alguma coisa que se possa comer? Estou a morrer de fome.

-Eu levo cinco pães-respondeu o sapateiro Adjallah.

-Eu levo três-replicou logo o barbeiro Abdalid.

-Pois façamos um bom accordo e um optimo negocio – propoz o rico negociante. – Vocês juntam todos os pães em uma sociedade unica, nós os comeremos e, quando chegarmos a cidade, eu os pagarei com oito moedas de ouro.

Os dois viajantes aceitaram prontamente a proposta do esfomeado capitalista e puseram-se os três a caminho.

Os pães repartidos fraternalmente entre os três, chegaram perfeitamente para alimentar-os durante toda a jornada; logo que entraram na cidade, o negociante foi a casa, tomou do dinheiro prometido, e aproximando-se de Adjallah, disse-lhe:

- “Você que forneceu cinco pães tem direito a cinco moedas.”

Voltando-se, em seguida, para o barbeiro, declarou:

-“E você, que apenas contribuiu com tres pães, deve receber só tres moedas.”

-E entregou-lhes o dinheiro que havia dito: 5 moedas para o primeiro e 3 para o segundo.

Aconteceu, porém, que, casualmente a mulher de Adjallah ia passando na ocasião e ainda teve tempo de assistir a partilha; ao ver o marido receber cinco moedas, ella exclamou, indignada, dirigindo-se ao bom negociante:

-Não, meu senhor! Essa divisão não é justa! Meu marido deve receber mais de cinco moedas!

Admiraram-se os três quando ouviram semelhante reclamação; o pobre Abdulid, o barbeiro, julgando que ia ser prejudicado observou delicadamente:

-Mas, minha boa mulher, pense bem. Seu marido tinha cinco pães: deve receber cinco moedas; eu, que dei tres pães, devo receber tres moedas.

Mas a mulher do sapateiro não se conformava:

-Não, não! Isso não é justo! Meu marido deu cinco pães; deve receber mais de cinco moedas!”

Abdallah declarou logo que sua mulher, sendo muito inteligente tinha aprendido a calcular bem e que, em matéria de negócios sempre estava com a razão.

-E, como não chegassem a um acordo, resolveram **então** ir a presença de juiz.

O juiz era o homem mais sabio e mais justo do paiz; suas sentenças proferidas sempre com perfeito conhecimento das causas, eram perfeitas, inappellaveis e sua fama de homem justo e honrado era reconhecida até pelos príncipes e pelos poderosos.

O juiz depois de ouvir com atenção a narrativa da historia, feita pelos tres homens, a partilha das moedas proposta pelo rico negociante e a reclamação da mulher do Adjallah, meditou, profundamente, durante algum tempo: e, depois de passar a mão pela grande barba branca e bater no largo peito tres vezes, levantou-se com toda a solenidade (como convem a um juiz tão illustre). sentenciou:

-“Nesse caso dos 8 pães pagos com 8 moedas, quem tem razão é o viajante de nome Adjallah. Se elle deu 5 pães, deve receber 7 moedas :o outro viajante, que deu 3 pães, deve receber 1 moeda. E, por ser esta a divisão justa, intimo que deste modo seja feita a partilha.”

Diante de tal sentença o desconsolado barbeiro Abdulid foi obrigado a restituir ao sapateiro as duas moedas que recebera a mais; o negociante, porém cheio de assombro por causa da originalidade da divisão, que devia corresponder á verdade, pediu ao magnânimo juiz que se dignasse a explicar as razões da sua sentença, para que todos para o futuro, em questões semelhantes, soubessem resolver de acordo com o que é justo e perfeito.

Atendeu o juiz ao pedido do negociante, a expor do seguinte modo as razões de sua sentença:

-“Quando um dos viajantes tomava um dos pães, para repartir entre os tres dividia esse pão em tres pedaços iguais.”

-“ Lá isso é verdade!” – Replicou o barbeiro.

-“Pois bem – continuou o juiz- assim sendo, todos os pães foram repartidos em tres pedaços. Aquelle que deu 5 pães deu, portanto, 15 pedaços: o outro que deu 3 pães, deu, afinal 9 pedaços. Houve um total de 24 pedaços; desses 24 pedaços cada viajante, durante a jornada comeu 8.”

-“É perfeitamente exato!”-exclamou admirado, o negociante.

- “Ora- observou o juiz - se o sapateiro Adjallah deu 15 pedaços e comeu 8, forneceu 7 pedaços; se o barbeiro Abdulid deu 9 pedaços e recebeu 8 só deu afinal, 1 pedaço. Os 7 que o sapateiro deu com o único que o barbeiro forneceu foram os 8 que o millionario comeu. É justo, portanto, que Adjallah receba 7 moedas e Abdulid apenas uma.

Diante de uma sentença tão bem explicada, o juiz viu sua fama aumentar a, transpondo as fronteiras, chegar a outras terras e outros mundos.

E quem quiser que conte outra.

Fim.